

CRISTIANISMO - VIDA OU MORTE?

Muitas vezes, quando entramos numa igreja cristã, vemos os sacerdotes pregando o temor a Deus e os ouvimos falando sobre o castigo no juízo final, sobre a “danação eterna, o fogo que arderá eternamente e o verme que não morrerá!”

Tudo isso é alarmante e denuncia a tendência que o ser humano tem de temer o desconhecido e é a base do ensinamento em muitas culturas sobre a passagem da vida para a morte onde a alma humana aguardará o julgamento final; quando todas as almas perfilarão perante Deus para o juízo final e então “Deus dará o castigo que cada um merecerá”!

A pergunta é: será isso mesmo? será assim o final dos tempos?

A resposta é: “depende da fé que cada um tem”. Por que “depende da fé de cada um”? ... não deveria ser “é para todos ou para nenhum”?

Nós, cristãos da Fé Real (ou Fé Verdadeira; em aramaico: **tridSat xúveho**) recebemos nossa instrução de Jesus que é o próprio Deus que se encarnou e tornou homem para nos ensinar a Fé Verdadeira; a Verdade, e para nos salvar das garras da morte que até então apoderava-se de todos os seres humanos e não havia salvação para eles.

Antes de olharmos os ensinamentos da Igreja de Antioquia, podemos olhar os povos pré-Cristo, em que acreditavam, como eles viam a morte e a vida futura, o julgamento final (se é que tinham) e isso, podemos também ver nas filosofias que vieram após o cristianismo oriental. Depois, é claro, veremos o que Jesus nos ensinou e então comparamos esses conhecimentos anteriores com o que aprendemos com Jesus.

Em sua análise e perspectiva futura, o ser humano, diferentemente de outros seres vivos que somente nascem (talvez por acaso), crescem, multiplicam-se instintivamente e morrem; o ser humano nasce, cresce, multiplica-se e passa desta vida para outra que ele pode desconhecer ou pode também acreditar no que lhe contam outros; como é a próxima vida. É nessa passagem e na vida futura que está o mérito da Fé Verdadeira.

Nesta análise, vamos ater-nos somente ao Oriente conhecido como Crescente Fértil e adjacências. Não nos aprofundaremos por outros locais da Terra pois, a escrita mais antiga da qual se tem conhecimento é dessa região e vieram dessa região também, os registros mais antigos sobre vida e morte; da Suméria, seguida pela Assíria (Acade ou Agade) e depois, Egito. Muitos séculos depois apareceu a escrita indiana e também a chinesa e daí a mais 5 séculos ainda, aparece a européia, com a escrita grega. Entre a escrita Assíria e a Indiana surgiram povos que invadiram a Europa e que formaram as nações grega, espartana e outras; trata-se dos minoanos-cretenses e hititas. Como as teorias deles são influenciadas pela filosofia de vida e morte dos assírios e egípcios, não precisaremos estudá-los. Também a filosofia de vida e morte dos chineses e indianos é cheia de mitologias, algumas tocando as raias do absurdo, também as deixaremos de lado.

Com essas assunções, ficamos com as filosofias egípcias (na África) e assírias ou mesopotâmicas (na Ásia Ocidental), na era pré-cristã.

Quando estudamos o modo de vida e a filosofia do pós-vida dos egípcios, deparamo-nos com um fato relevante: sempre a morte é exaltada. Tudo é feito em função da morte. Os reis, os sacerdotes, os ricos, os nobres daquela sociedade preparavam todo o necessário para a morte. Vemos suntuosas construções que são verdadeiros monumentos de arquitetura, preparadas para receber os mortos (muitas vezes, se não sempre, com seus familiares e escravos) para que essa pessoa falecida, da alta sociedade, não sofresse qualquer privação física imaginável e pudesse passar a eternidade com tranquilidade e prazer, no estado de morta. Assim são as pirâmides e as suntuosas tumbas dos reis, governantes, sacerdotes e outros que podiam custear tais empreitadas.

Findo o ritual de exéquias (e aqui vamos só pelo básico, sem detalhes), ficavam encerrados dentro das tumbas monumentais, o falecido, suas esposas (vivas), seus escravos (vivos), até seus cavalos (vivos) junto com os objetos de valor e arte que eles (marido, esposas ou sacerdotes e esposas) possuíam e mais alimentos para todos, durante o tempo que os sacerdotes que ficaram do lado de fora (e vivos), imaginavam que seria necessário. As paredes eram inscritas com orações ao(s) deus(es) da época ou somente ao deus da morte. Muitos reis, governantes, nobres e sacerdotes da sociedade egípcia passavam a vida custeando a construção

CRISTIANISMO - VIDA OU MORTE?

dessas sepulturas para delas usufruir em sua morte. Assim foram as pirâmides, assim foi construído o Vale dos Reis no Egito, no tempo pré-helênico. Esses dois exemplos (pirâmides e Vale dos Reis) são construções que abrangem uma fase de aproximadamente 1.300 anos (a pirâmide mais antiga encontrada é de 26 séculos antes de Cristo, enquanto que o Vale dos Reis tem sua primeira sepultura terminada 16 séculos a.C.).

Os sacerdotes egípcios, intelectuais egípcios da época, passavam seus dias estudando o que poderia acontecer após a morte e transmitiam suas ponderações aos poderosos da época. O povo, a grande massa do povo, por diversos relatos; trabalhava para que seus governantes e sacerdotes fossem felizes durante suas mortes. Isso, aparentemente, já seria uma grande satisfação ao povo. E quanto ao povo, onde o povo era sepultado? Não se sabe. Talvez, fosse simplesmente deitado na terra para que essa o absorvesse, porém, a quantidade de ossos encontrada é muito pouca quando comparada com o que se estima que fosse a população da época; isto, até a chegada de Alexandre, o macedônio, em 332 a.C..

Do outro lado do mar Mediterrâneo, isto é na área onde hoje se localizam países como Sudeste da Turquia, Líbano, Israel, Síria, Iraque e até a parte ocidental do Irã, naquela mesma época e até antes, a situação era bem diferente. Nenhum rei, governante, sacerdote ou ser humano, jamais se declarou deus (como o Faraó se declarou no século XIV a.C.); também, nenhum rei, governante, sacerdote ou nobre e nem mesmo o povo preocupava-se com a morte. A preocupação deles era com a vida. Não se construíam edificações suntuosas como as pirâmides para lá serem depositados os mortos. Construíam-se castelos onde residiam os governantes e os muros externos dessas construções limitavam as cidades. Construíam-se, dentro dos limites das cidades, templos com edificações suntuosas para diversas funcionalidades (dentro desses templos). O povo não era escravo dos reis, governantes e outros. Sim, havia escravos; porém, esses, ou eram servidores temporários que deveriam pagar dívidas assumidas e não pagas ou eram conquistas de guerra.

Talvez a mais famosa das edificações fosse o castelo de Sargão II (construída 7 séculos a.C.); sobre suas muralhas podiam correr, lado a lado 8 cavalos sem se esbarrarem (aproximadamente 14 metros de largura) e havia diversas torres-templos (em assírio chamava-se: **zigurat**), uma delas com base quadrada de 43 metros de lado e altura estimada de 48 metros construída sobre uma plataforma de 12 metros de altura (após esses 12 metros subia a base da **zigurat**). Essas torres-templos abrigavam, no andar mais baixo o depósito de rações e alimentos e armas, depois, o templo propriamente dito, as residências dos sacerdotes e famílias, as salas de aula (e estudos) dos iniciantes, escribas e sacerdotes até chegar ao andar mais alto, onde eram montados verdadeiros observatórios astronômicos (e nessa época já havia telescópios de uma lente). Não havia lugar para sepultamento. As torres (**zigurat**) eram para os vivos.

Os governantes que estavam sob a regência do rei da Assíria (ou da Babilônia, dependendo do momento histórico) construíam fortalezas para defender suas cidades e limites bem como templos menores locais, com todas as funcionalidades da capital.

Não deveriam preocupar-se com a morte. Todos viviam para a vida.

E quando Jesus Cristo veio para esta vida humana, ensinar entre os judeus, como era o mundo que Ele encontrou e que filosofia ensinou?

(continua na próxima edição)

Pentecostes foi a manifestação do Espírito Santo em forma de línguas de fogo que surgiu sobre os discípulos de Cristo, 50 dias após a Ressurreição Gloriosa de Cristo e Sua Ascensão.

FESTA DE NOSSA SENHORA E A IGREJA SIRIAN ORTODOXA (PARTE FINAL - CONT. DO NR. 86)

A filosofia de vida que Cristo deixou para a humanidade é a filosofia de vida do sedentarismo e não do nomadismo. Já vimos que os nômades vivem em tribos que se deslocam e com o tempo, uma tribo cruza o caminho de outra e seus chefes, se se reconhecerem, cumprimentar-se-ão e farão uma festa juntos, alguns animais de criação ou se não os houver, serão caçados e serão imolados, com agradecimentos a seu deus e serão, por fim, os sacrifícios preparados e ingeridos na festa. Assim era o sacrifício de animais das tribos israelitas nos primórdios do aparecimento deles, seja no Egito ou em Canaã e assim é até hoje, entre os árabes beduínos, com o festival máximo de “eid el-adeha” (festival do sacrifício) quando eles sacrificam um animal (de preferência uma ovelha) e preparam sua carne para comê-la e distribuí-la aos parentes e recentemente, também aos pobres; e enquanto estão sacrificando o animal, invocam o nome de Aláh (deus dos islâmicos).

Por outro lado, se os chefes não aceitarem um ao outro, quando do cruzamento duma tribo pelo caminho da outra, haverá matanças e a tribo ganhadora, matará os homens da tribo perdedora e levará suas mulheres e filhas como escravas ou concubinas. Essa é a lei do nomadismo e a vemos refletida nos seus livros; no Tanakh dos judeus (os cristãos chamam de Antigo Testamento) ou no Corã dos maometanos, que são os exemplos orientais citados.

No sacerdócio cristão, não há sacrifícios de sangue, nenhum animal é imolado. Os sacerdotes cristãos oferecem um sacrifício diferente a Deus, tal como Melquizedeque; ou Cristo que nos ensinou: pão e vinho que são produzidos a partir de plantas (trigo, uva) e minerais (sal) ou também, é oferecido incenso (subproduto vegetal) que para produzir seu odor, precisa de brasas de carvão vegetal. Assim, vemos o cristianismo como propagador da civilização sedentária.

Como coroação dessa propagação, temos as 3 festividades da Virgem Maria que a Igreja Oriental, a Igreja de Antioquia comemora (janeiro, maio e agosto). Todas essas 3 festividades têm sua origem na transformação social do ser humano; de sua caminhada do nomadismo ao sedentarismo.

Essas festividades têm uma contrapartida nas comemorações da sementeira e colheita dos povos mesopotâmicos pré-cristãos, em especial os sumérios e acadianos que se miscigenaram e formaram os povos assírio-babilônicos e os habitantes das adjacências da Mesopotâmia, como os fenícios (cananeus) e depois, também os arameus e depois de Cristo, todos ficaram conhecidos como Siríacos (ou Siriani).

As festividades do início da sementeira e das colheitas eram importantes para esses povos, pois a continuidade desses povos sedentários dependia de 2 fatores básicos para sua sobrevivência: água em abundância e comida em abundância. A água era garantida pela existência de dois grandes rios: Eufrates e Tigre; já a comida dependia do próprio povo e dos fenômenos da natureza (frio, na época certa, calor na época certa e chuva na época certa). É por causa desse segundo fator que eles promoviam grandes festividades na época do plantio (sementeira), festividades em que pediam a intercessão duma divindade para que pudessem começar e terminar o plantio sem sobressaltos. Quando fosse época da colheita das espigas (de trigo) como em maio, na primavera do hemisfério norte, haveria outra festividade para que a divindade não fizesse com que as chuvas atrapalhassem a colheita e os celeiros pudessem ser completados novamente, finalmente, na época da vindima; que houvesse abundância de uvas nos cachos dos caramanchões e pudessem produzir vinho em abundância e para que isso acontecesse, a divindade deveria colaborar, fazendo com que houvesse pelo menos 90 dias de calor e as uvas amadurecessem. Esse ciclo se completava com a produção de vinho que iniciava após a colheita das uvas.

Nós, cristãos da Igreja Antioquina, pedimos a intercessão da Virgem Maria, Mãe de Deus, para que Deus nos permita ter essas estações do ano firmes e possamos ter as colheitas devidas a fim de lhe podermos oferecer o devido sacrifício: a Eucaristia.

Finalizamos com a tradução duma oração, composta no século VI por *Simão, o oleiro (xem'um qūqoyo)*; cantada na Igreja Antioquina, no dia da comemoração da Virgem Maria para intercessão na colheita das espigas:

FESTA DE NOSSA SENHORA E A IGREJA SIRIAN ORTODOXA

*Eis que a espiga da vida brotou da campina abençoada.
Levantai nações famintas, juntai o sustento de vossas almas!
Famintas estáveis e agora satisfeitas ficareis!
Sedentas estáveis e agora, bêbadas!
Colhei agora a braçada cheia de grande satisfação,
Cacho cheio de alegrias colhereis!
Aleluia e aleluia!*

[o original da citação em aramaico encontra-se na secção de aramaico]

Observações:

¹ “espiga da vida” é Jesus

² “campina abençoada” é a Virgem Maria

³ “braçada cheia de grande satisfação” referência às espigas de trigo para o pão da Eucaristia

⁴ “cacho cheio de alegrias” é a uva do vinho da Eucaristia

PARA SABER MAIS

¹ *mardutho d'Suryoye* – (coletânea: *Cultura dos Assírio-Arameus*). Sowmy, A.G. - La Plata, Argentina e São Paulo, Brasil.

² *Ancient Art and Ritual*. Harrison, Jane E.- Oxford University Press. Londres. 1948.

³ *kinotho dëkurobo alohoio* – *Kirchliche-Hymnen der Syrisch-Orthodoxn Kirche Von Antiochien* (página 233). Bar Hebraeus Verlag. Holland. 1993.

Palavras da Bíblia

Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo; pois ao tolo não há vontade; o que votares, paga-o.

Tu, porém, tudo que prometeres, paga-o.

Melhor é que não votes do que votares e não cumprires.

Livro de Eclesiastes - capítulo 5º

Por Que a Igreja de Cristo não aceita Sacerdotisas?

Essa questão foi apresentada por uma menina de 12 anos, cristã, vinda do oriente médio.

Sob a influência do discurso ocidental moderno da igualdade entre sexos (homem e mulher), ela levantou esta questão, exatamente no dia de Lavapés, na quinta-feira, na noite de 5 de abril de 2018, em nossa Igreja.

Ora, se olharmos as comunidades dissidentes ocidentais da Igreja Católica Apostólica Romana (conhecidas também como protestantes ou ainda como modernamente algumas se auto-denominam: evangélicas) veremos que a partir da segunda metade do século passado (século XX), em sua maioria, estão ordenando mulheres como "pastoras" e "bispas" para suas comunidades. Aqui, é preciso deixar claro que o ofício de "pastor" (ou pastora) é uma designação que se dá para qualquer evangelizador; assim, num exercício de lógica, podemos dizer que todo sacerdote cristão é também um pastor, porém, nem todo pastor cristão é um sacerdote de Cristo. O sacerdócio, seja ele cristão ou não, prevê, antes que tudo, a realização de um sacrifício a Deus. A exceção a essa regra e de certa forma, uma situação estranha, foi a Igreja Anglicana fundada pelo rei Henrique VIII da Inglaterra, pelo século XVI que ao separar-se de Roma, esse rei eliminou todos seus inimigos religiosos locais (ao menos tentou) e se auto-apontou como supremo pontífice dessa Igreja, ou seja, o rei da parte da ilha da Grã-Bretanha chamada Inglaterra passava a ser o sumo pontífice da Igreja Anglicana. Ao morrer, quem subiu ao trono foi sua filha, Elisabete I. Essa Elisabete I, foi coroada rainha pelo bispo local, tal como seu pai e ordenada e reconhecida pelo concílio de bispos da Inglaterra, chefe da Igreja Anglicana, e assim, a Igreja Anglicana passou a ter uma suma pontífice (papisa). Ainda assim, a ordenação de sacerdotisas era evitada, pela Igreja Anglicana, até o início deste século XXI. Neste século 21 a Igreja Anglicana começou também a ordenar sacerdotisas e bispas.

[Abrindo um parêntese, em 1875, nosso Patriarca *mor Ignátios Petros IV*, visitou a rainha Vitória da Inglaterra e essa o pressionou para que aceitasse a Igreja Anglicana como par da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia. Patriarca Petros IV respondeu que somente era possível tal acordo se ela declinasse de seu poder sobre a Igreja Anglicana, renunciasse ao Sumo Pontificado e que fosse eleito sempre um homem para Sumo Pontífice da Igreja Anglicana. A rainha Vitória não aceitou, porém, verdade seja dita, ela ficou muito impressionada com a argumentação e perspicácia do Patriarca e mandou entregar-lhe uma tipografia completa no Mosteiro de Santo Ananias, em Mardin, sede do Patriarcado, naquela época.]

Estamos considerando, para efeito de nossa pesquisa, somente as igrejas cristãs que realizam o sacrifício a Deus pois, como vimos acima, há outras que não aceitam o sacerdócio, somente possuem as evangelizadoras chamadas por pastoras. Todas as Igrejas Basilares (Alexandria, Roma, Bizâncio e Antioquia) aceitam o sacerdócio pois foram fundadas por discípulos de Cristo ou, algumas, como a de Bizâncio, pelos discípulos de novas gerações porém todos seus fundadores haviam recebido a Sagrada Imposição de Mãos que vem ininterruptamente desde o tempo de Cristo. Também nos interessa um pouco o judaísmo pois, foi na cultura do judaísmo que Jesus viveu. Observemos que o judaísmo não possuía mais sacerdotes desde a destruição do templo por Vespasiano, em 70 d.C.; a linhagem desde Arão, irmão de Moisés, fora quebrada com a destruição do templo e assim, os judeus, não puderam mais ter sacerdotes, somente explanadores chamados de "rabinos" (mestres) que somente podem ser do sexo masculino, porém, modernamente, os judeus também começaram a apontar mulheres como mestras, chamadas, *rabbah ou rabanit* (no singular) e alguns rabinos e *rabaniot* (feminino plural) se auto-proclamam sacerdotes e sacerdotisas.

Se por outro lado, fizermos a mesma pergunta de nossa menina de 12 anos, a um prelado da Igreja Romana ou da Igreja Bizantina (Rum-ortodoxa), ou Grega ou qualquer outra Igreja Ortodoxa, a resposta terá por referência o Livro de Levíticos capítulo 15¹ da Bíblia que considera a mulher como um ser imundo e que deve ser evitado ou talvez a base da explanação seja a Carta de São Paulo aos Hebreus que traz Cristo como sacerdote de outra linhagem e de outra filosofia.

Enquanto isso acontecia no ocidente, no oriente, os cristãos atinham-se ao que Jesus Cristo ensina- ra a seus pais e não admitiam o sacerdócio das mulheres e por isso o sacramento do sacerdócio somente era administrado aos homens.

Muitos perguntarão: mas existe a ordem das freiras, então elas não são sacerdotisas?

Não, as freiras não recebem a ordenação de sacerdócio. As freiras (**dairoito**, no singular e **dairoio- tho**, no aramico plural) são mulheres que vivem em celibato, em conventos e dedicam-se ao ensino e a servirem outros seres humanos, com dignidade e ética dentro da moral cristã. Quando comemo- ram a eucaristia, isto é, precisam celebrar uma missa ou também quando precisam de serviços sa- cerdotais, chamarão um sacerdote que será um homem.

Ainda que o informe **Suryoye** apresentasse um trabalho chamado “A Mulher e a Igreja”², há alguns anos; trabalho esse detalhando a igualdade de direitos entre homens e mulheres na Mesopotâmia (englobava Assíria, parte da Síria, da Turquia e da Pérsia) e nos templos (essa cultura também se estendia por toda a Fenícia e adjacências, desde dois milênios antes de Cristo) e ainda, como parte dessa cultura pré-cristã entrou na Igreja de Antioquia, as Igrejas Basilares Orientais não admitiram e nem admitem a ordenação de sacerdotisas; e esse é um ponto subentendido e que aparentemente fica em aberto: por que a Igreja Cristã Oriental (Antioquia e Alexandria fundamentalmente e depois a Bizantina e todas as delas derivadas, como a Grega Ortodoxa, a Russa Ortodoxa etc) não admite o sacerdócio das mulheres?

Aquela nossa menina (do início de nosso tema) que levantara essa questão, logo recebeu de al- guém a resposta que se dá no oriente, em especial entre os muçulmanos “porque não pode” e “porque assim quer Deus”. É claro que a menina, apesar de sua tenra idade, não aceitou a resposta e continuou com sua pergunta.

Em verdade, parte da resposta correta é “porque Deus assim quer”, porém, essa é somente uma justificativa e não a causa. A causa está em outra parte. A resposta está na história da humanidade e é essencial ao cristianismo.

Historicamente, vimos, em outros números², a paulatina conduta do ser humano desde sua caracte- rística como nômade até a de civilizado, ou seja: saiu da cultura nômade (caçador de animais e co- lhedor de vegetais silvestres) até a cultura sedentária (ou seja, domesticador e criador de animais, plantador de vegetais e industrializador, tanto processando seres inertes como os minerais e os se- res animados como os vegetais e animais). O ser humano deixou de temer seres animados e materi- ais até passar a acreditar nos espirituais, assim, deixou de temer astros e trovões e árvores e dra- gões e gatos etc e passou a acreditar em Deus.

O fato divisório entre a cultura nômade e a civilização é a agricultura. Quando os seres humanos fixam sede num ponto, isso é acham para si ou até fazem para si um abrigo definitivo, é porque co- meçam a cultivar um pedaço de terra e esperam pelos resultados; esperam pelos frutos. Esses se- res humanos passam a ser sedentários, passam a construir uma civilização; eles não mais vivem de matar e seguir adiante, continuar andando. Eles não mais precisam derramar sangue para sobrevi- ver.

Repetimos essa última colocação para retomar seu significado depois: “o ser humano não precisa derramar sangue para sobreviver”; ou seja: “não precisa sacrificar outros seres animais irracionais ou mesmo humanos para sobreviver”.

Vejamos agora os diversos relatos bíblicos; primeiramente do Antigo Testamento e depois do Novo Testamento sobre a cultura nomádica e também, a civilização.

No Antigo Testamento (todos os livros do Antigo Testamento foram escritos pelos israelitas e judeus antes da primeira vinda de Cristo ao mundo) temos diversos pontos de indicação de Jeová (Deus conforme o Antigo Testamento) para os israelitas e judeus para que se atenham à condição de no- madismo. Logo no início (livro da Gênese, capítulo 4) Deus prefere os sacrifícios animais, o cheiro da

gordura das ovelhas do pastor Abel ao cheiro dos vegetais de Caim. Em seguida Caim mata Abel e Deus não concorda com esse fato. Também temos o fato de Abraão, patriarca dos judeus e muçulmanos ou dos israelitas e árabes ser nômade; ele viajava de um local para outro sem nunca ter habitação fixa e, além disso, era chefe duma tribo que lutava e matava pessoas de outras tribos e cidades e sempre levava consigo, em suas andanças, ovelhas para alimentação própria e de sua tribo mas também para o sacrifício que oferecia a seu Deus. Entre as lutas contra outras tribos, envolveu-se numa que nos chama a atenção; ele luta contra cinco chefes de nações para salvar um rei chamado Melquizedeque (Gênesis capítulo 17). Após alcançar o sucesso, derrotando os outros reis e salvando Melquizedeque, rei de Jerusalém, este oferece pão e vinho ao Altíssimo (isto é: para Deus), abençoa Abraão e lhe dá pão e vinho. Disso deduzimos que já havia reis em sedes fixas, isto é, havendo civilizações e nessas civilizações Deus dava preferência a oferendas de pão e vinho que são produtos industrializados pelo homem a partir de produtos vegetais (trigo e uvas). Observemos, contudo, que tais reis não são os patriarcas dos israelitas e judeus ou dos muçulmanos.

Depois disso, o Antigo Testamento é cheio de relatos sobre sacrifícios animais que os israelitas ofereciam a Deus e o mais chamativo é o caso de Jefté relatado em Juízes capítulo 11. Esse Jefté, por ordem de Deus, sacrifica sua própria filha para agradar a Deus. Independentemente da interpretação que os judeus ou os cristãos dêem a essa passagem, em termos históricos e antropológicos, é nítida a valoração feita, o sacrifício de um ser humano vale tanto quanto o sacrifício de um animal irracional para o Deus de Israel ou Jeová e assim, um agnóstico diria que a vida humana de um inocente, parece valer pouco perante Jeová. Nesse episódio de Jefté, quase mil anos após Abraão, novamente um agnóstico diria que o nomadismo sobrepujava o sedentarismo, agora entre todas as doze tribos de Israel.

Quanto ao Novo Testamento temos que até mesmo quando Jesus Cristo, ou seja, quando Deus se fez homem entre os humanos, vemos que a característica principal do judaísmo é o sacrifício animal. Basta olharmos o Novo Testamento, no Evangelho de S. João, capítulo 2 leremos: *“E estava próxima a páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém. E achou no templo os que vendiam bois, e ovelhas, e pombos, e os cambiadores assentados. E tendo feito um azorrague de cordéis, lançou todos fora do templo, também os bois e ovelhas e os cambiadores e espalhou seu dinheiro e derribou suas mesas; e disse aos que vendiam pombos: “Tirai isto daqui e não façais da casa de meu Pai casa de comércio.”*³.

Aqui vemos pela segunda vez que Deus não preferiu os animais para sacrifício; Ele não queria sacrifícios de sangue.

Na terceira ida de Jesus a Jerusalém (ou seja, a capital dos judeus e onde somente lá podiam os judeus oferecer sacrifícios a Jeová), Jesus comemora a Páscoa como um Rabai⁴ judeu com seus discípulos e após a comemoração Ele lhes reforça as máximas cristãs:

- (a) igualdade de todos perante Deus ⁵
- (b) amor ao próximo ⁵
- (c) instituição da Santa Eucaristia ⁶

É esta última recomendação a base de nossa fé; por ela Jesus instituiu o pão e vinho oferecidos no lugar de seu corpo físico e sangue; ou seja, não se deve mais oferecer sacrifícios de corpo físico de animais e deixar correr seu sangue no altar; daquele momento em diante, a oferenda a Deus não serão mais animais e seu sangue; serão ofertados pão e vinho.

Vimos então que Cristo expulsa do templo os animais e seu sangue, sejam eles pombas, bois, ovelhas ou qualquer animal e institui o “pão e vinho”.

Entendemos então que não deve mais correr sangue no mais sagrado lugar do templo, qual seja, no altar.

Neste ponto entra o conhecimento do ser humano sobre seu corpo e como isso se dá na Igreja.

Todos sabemos que o ser humano, quanto ao sexo, nasce como homem e mulher. A mulher, em determinadas épocas de sua vida, possui um ciclo em que deita sangue para fora de seu corpo (ciclo menstrual) e como não pode existir sangue no altar, ao aceitar o cristianismo, ela por si só evitou essa contradição no altar. Com isso, o sacramento do sacerdócio passou aos homens, isto é, somente os homens poderiam servir a Deus no Seu altar, fosse esse “servir a Deus” o oferecer “pão e vinho” no altar ou incensar “a oferenda de pão e vinho” no altar, pois eles não deitam sangue no altar⁷.

Façamos outra observação importante aqui: na ritualística da Igreja Siríaca de Antioquia, se um sacerdote ou mesmo diácono estiver ferido ou acometido dalgum mal e estiver deitando sangue ou até cicatrizando uma ferida, não poderá esse sacerdote ou diácono fazer parte dos que sobem ao altar para fazer a oferenda, deverá manter-se embaixo, com os fiéis, orando e cantando hinos como todos os demais, e deverá aguardar sua vez para receber a Santa Comunhão.

Eis a resposta completa ao questionamento da mente inquisidora da verdade, como o da nossa menina, e, para completá-la colocamos a tradução de uma estrofe de Tiago (Ya'aqūb) de Serug, composta por ele no século V, em aramaico:

*Na casa de Marcos encerrou-se tudo que era antigo
E naquela noite cessou a faca dos animais⁸
Lá (Ele) escreveu os Testamentos e tudo que é Novo
E desfez e fez cessar todas as falsas opiniões mentirosas!*

[as citações em aramaico encontram-se na secção de aramaico]

Observações:

¹ Capítulo 15 na versão PexiTa de Aramaico

² **Suryoye** do número 64 ao 74 in <http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/jornalsuryoye/suryoye64.pdf> até <http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/jornalsuryoye/suryoye74.pdf>; acesso em 24 de abril de 2018.

³ Evangelho de S. João capítulo 2

⁴ Rabai era o nome que os discípulos judeus davam a seus grandes mestres

⁵ Evangelho de S. João capítulo 13

⁶ Evangelho de S. Lucas capítulo 22

⁷ **Suryoye** nr 19, em FEV/MAR/ABR, 1999 pg.15 in: <http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/jornalsuryoye/suryoye19.pdf>; acesso em 24 de abril de 2018.

⁸ significa: cessou o sacrifício de animais.

Não deixes de ajudar o teu próximo!

Sempre há um necessitado em teu caminho.

Ajuda-o! É Cristo quem pede!

Palavras da Bíblia

Ficai, pois, na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a colocar-vos debaixo do jugo da servidão.

Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela lei e da graça tendes caído. Nós, porém, pelo Espírito da fé à esperança da justiça aguardamos.

Carta de S. Paulo aos Gálatas - capítulo 5º

Ensinaamentos de Nossos Mestres

Porque tal como pelo agrado dos olhos são obscurecidos todos os membros, assim também pelo cessar da simplicidade são obstruídas todas as graças.

(Discurso sobre a Simplicidade de Philoxenus de Mabugh – séc. V d.C.)

Extraído de “*The Discourses of Philoxenus of Mabbogh*”. London, 1893.

Noticias da Comunidade

Semana Santa 1– À cerimônia de Lavapés, na quinta-feira, 5 de abril, compareceram diversas famílias para verem a réplica da cerimônia que Jesus Cristo realizara com seus discípulos. Na cerimônia da Igreja Sirian Ortodoxa, o pároco da igreja lava os pés dos diáconos e, neste ano de 2018, seis crianças representaram seis discípulos. Os pais apresentaram as crianças à igreja, o que mostra que há esperança para a Igreja Santa Maria. Exceto por um diácono mais velho, que representa S. Pedro, os demais podem ser crianças ou adultos.

Semana Santa 2– À cerimônia de Paixão e Morte de Cristo, na sexta-feira, 6 de abril, foi realmente algo enternecedor. Cada fiel da Igreja Sirian Ortodoxa presente à cerimônia, após a realização da segunda procissão (quando circula o féretro na procissão e ao final é levantado e a comunidade toda passa por baixo), bebe um pouco de água com vinagre para experimentar a última agrura de Cristo antes de sua morte.

Almoço de Páscoa– Sucesso total o almoço de Confraternização de Páscoa promovido pela Diretoria Social que contou com o inestimável apoio da Liga Feminina (Liga das Senhoras da Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria), O evento ocorreu em 8 de abril após a missa e a ele estavam presentes muitas famílias da Igreja.

Facebook– Desde o final do ano passado (2017) foram iniciados os trabalhos com as chamadas “mídias sociais” e inauguramos com o “FACEBOOK”. Os trabalhos são executados por Guilherme Abdalah sob a coordenação da Diretoria Cultural. O endereço está na chamada da página inicial desse informe em “ESTAMOS NA WEB” e é: IGREJA SIRIAN SANTA MARIA. Todos estão convidados a navegar pelo endereço.

تِلْكَ حَمْدُ رَبِّكَ حَمْدًا

اَمْطَاب وُبُوْ اَنْ اَبُو لَلْحَمْدِ: لَّا اَلْحَمْدُ حَمْدُكَ اَمْطَابًا. مَهْلًا وِحْدًا حَمْدًا.
 اَنْ وِحْدًا حَمْدًا وُبُوْ اَنْ. فَمِنْ اَمْطَابًا.
 هُوَ اَمْطَابًا وِبُوْ اَنْ: مَحْدًا وِبُوْ اَنْ هُوَ اَمْطَابًا.

اَمْطَابًا حَمْدًا حَمْدًا - مَهْلًا حَمْدًا - اَمْطَابًا

فِي سَمْعِكَ بِسْمِئِكَ

اَمْطَابًا وِحْمَدًا اَمْطَابًا وِحْمَدًا سَمْعًا اَمْطَابًا: اَمْطَابًا حَمْدًا
 وِحْمَدًا اَمْطَابًا حَمْدًا اَمْطَابًا.

(مَحْدًا حَمْدًا وِبُوْ اَنْ - مَحْدًا حَمْدًا حَمْدًا - وِبُوْ اَنْ حَمْدًا)

اَمْطَابًا حَمْدًا "مَهْلًا وِحْمَدًا اَمْطَابًا وِبُوْ اَنْ حَمْدًا حَمْدًا حَمْدًا
 اَمْطَابًا حَمْدًا" - اَمْطَابًا حَمْدًا حَمْدًا - اَمْطَابًا حَمْدًا

Por Que a Igreja de Cristo não aceita Sacerdotisas

ܠܚܡܢܗܘܢ ܕܚܘܪܝܢܐ ܕܥܝܪܐܢܐ ܕܥܝܪܐܢܐ

ܚܒܠܐܗܘܢ ܕܡܢܡܝܗܘܢ ܥܡܪ ܚܘܪܐܢܐ ܕܚܠܩܝܠܐ:
ܘܚܘܪܐܢܐ ܕܚܠܩܝܠܐ ܕܚܘܪܐܢܐ ܡܚ ܣܦܩܐ.
ܠܡܚ ܚܠܩܐ ܕܚܘܪܐܢܐ ܕܚܠܩܐ ܡܚ ܚܠܩܐ:
ܘܚܘܪܐܢܐ ܕܚܠܩܐ ܡܚ ܚܠܩܐ ܕܚܠܩܐ.

(ܘܚܘܪܐܢܐ ܕܚܘܪܐܢܐ ܕܚܘܪܐܢܐ ܕܚܘܪܐܢܐ)

ܚܠܩܐ ܕܚܘܪܐܢܐ ܕܚܘܪܐܢܐ

ܡܘܨܘܢ ܕܚܘܪܐܢܐ ܕܚܘܪܐܢܐ ܕܚܘܪܐܢܐ ܕܚܘܪܐܢܐ
ܕܚܘܪܐܢܐ ܕܚܘܪܐܢܐ ܕܚܘܪܐܢܐ ܕܚܘܪܐܢܐ ܕܚܘܪܐܢܐ
ܕܚܘܪܐܢܐ ܕܚܘܪܐܢܐ ܕܚܘܪܐܢܐ ܕܚܘܪܐܢܐ ܕܚܘܪܐܢܐ

ܡܚ ܚܘܪܐܢܐ ܕܚܘܪܐܢܐ ܕܚܘܪܐܢܐ ܕܚܘܪܐܢܐ ܕܚܘܪܐܢܐ.